



## CURUZU, DA RESISTÊNCIA A REQUALIFICAÇÃO URBANA, UM TERRITÓRIO NEGRO EM SALVADOR, BA<sup>1</sup>

*Sandro dos Santos Correia<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel do Curuzu na afirmação da população negra na cidade de Salvador na luta contra a violência e o racismo e o seu papel de resistência e este novo momento em 2019 tendo como exemplo o processo de requalificação urbana por meio da reforma de suas ruas e de outras intervenções. A metodologia utilizada está calcada no trabalho de campo e investigação participante; abrangendo toda a atuação de entidades sociais que vai desde o enfrentamento público e a própria construção logística e financeira destas intervenções, como até o reconhecimento destas para o processo de inclusão, na atualidade, de toda uma população marcada pela herança da Escravidão Oficial historicamente excluída do desenvolvimento por práticas de preconceito e discriminação.

**Palavras-chaves:** Território. Curuzu. Racismo. Bloco Afro.

### CURUZU, FROM RESISTANCE TO URBAN REQUALIFICATION, A BLACK TERRITORY IN SALVADOR, BA

**Abstract:** This paper aims to reflect on the role of Curuzu in affirming the black population in the city of Salvador in the fight against violence and racism and its role of resistance and this new moment in 2019 taking as an example the process of urban requalification by through the reform of its streets and other interventions. The methodology used is based on field work and participant research; encompassing all the activities of social entities ranging from public confrontation and the logistic and financial construction of these interventions, as well as the recognition of them for the process of inclusion, in the present day, of a population marked by the heritage of the historically excluded Official Slavery. Development through practices of prejudice and discrimination.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no SER NEGRA 2019, VIII Semana de reflexões sobre a negritude. GÊNERO E RAÇA, Democracia e interseccionalidades: Corpos Ngeros, Representações Políticas e Tecnologias, de 26 a 29 de novembro de 2019 no Instituto Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela UCSAL (Universidade Católica de Salvador), Mestre em Engenharia Ambiental Urbana pela Escola Politécnica da UFBA (Universidade Federal da Bahia). Membro do DSN (Desenvolvimento, Sociedade e Natureza) da UCSAL, do AFROUNEB (UNEB) e Vice-Líder do NEPPINS (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Identidade, Negritude e Sociedade) da UFRB. ORCID: <https://orcid.org/0001-9401-2499> ; E-mail: [sscorreia@uneb.br](mailto:sscorreia@uneb.br)



**Keywords:** Territory. Curuzu. Racism. Afro block.

### **CURUZU, DE LA RESISTENCIA A LA SOLICITUD URBANA, UN TERRITORIO NEGRO EN SALVADOR, BA**

**Resumen:** Este documento tiene como objetivo reflexionar sobre el papel de Curuzu en la afirmación de la población negra en la ciudad de Salvador en la lucha contra la violencia y el racismo y su papel de resistencia y este nuevo momento en 2019 tomando como ejemplo el proceso de recalificación urbana por a través de la reforma de sus calles y otras intervenciones. La metodología utilizada se basa en el trabajo de campo y la investigación participante; que abarca todas las actividades de entidades sociales que van desde la confrontación pública y la construcción logística y financiera de estas intervenciones, así como el reconocimiento de ellas por el proceso de inclusión, en la actualidad, de una población marcada por el patrimonio de la esclavitud oficial históricamente excluida. desarrollo a través de prácticas de prejuicio y discriminación.

**Palabras clave:** Territorio. Curuzu Racismo Bloque afro.

### **CURUZU, DE LA RÉSISTANCE À LA REQUALIFICATION URBAINE, UN TERRITOIRE NOIR À SALVADOR, BA**

**Résumé:** Cet article vise à réfléchir sur le rôle de Curuzu dans l'affirmation de la population noire de la ville de Salvador dans la lutte contre la violence et le racisme et son rôle de résistance et ce nouveau moment de 2019 en prenant comme exemple le processus de requalification urbaine par à travers la réforme de ses rues et d'autres interventions. La méthodologie utilisée est basée sur le travail de terrain et la recherche des participants; englobant toutes les activités d'entités sociales allant de la confrontation publique à la construction logistique et financière de ces interventions, ainsi que leur reconnaissance pour le processus d'inclusion, de nos jours, d'une population marquée par le patrimoine de l'esclavage officiel historiquement exclu. développement par des pratiques de préjugés et de discrimination.

**Mots-clés:** territoire. Curuzu. Le racisme Bloc afro.

## **INTRODUÇÃO**

Neste artigo será discutido o processo de urbanização da rua do Curuzu localizado no bairro da Liberdade, frente ao seu histórico de uma grande concentração de afro-brasileiros. Esse texto é dedicado ao primeiro presidente da primeira associação de moradores do Curuzu, a AMAC, o senhor Pombo, popularmente conhecido como uma ave.



O histórico dessa localidade é marcado pela má prestação de serviços públicos, enquanto é uma área localizada na periferia da cidade do Salvador, com uma grande quantidade de moradores descendentes de africanos escravizados.

Os dados apresentados foram coletados em um período longo que vão desde 1997 até os dias atuais com direta colaboração de artigo publicado no livro *Fala Periferia*, do ano de 2.000 e também, observações mais atuais em 2019 a 2020.

A história desse lugar, revela que a identidade é a principal estratégia de sobrevivência e de afirmação que teve e tem na solidariedade, a sua principal marca de civilidade.

Esse trabalho, tem como objetivo construir um histórico de fatos importantes para a comunidade do Curuzu marcada por violência, segregação e exploração, através dos tempos, que construiu até os dias atuais, mesmo com o atual processo de requalificação urbana vivido pela localidade.

Além de um resgate das tradições locais criadas pelos primeiros moradores que residiam em uma cidade em um país em desenvolvimento, foram testemunhas oculares dos primeiros passos de uma urbanização, em uma região brasileira como o Nordeste, marcada por uma discriminação histórica.

Os procedimentos metodológicos que construíram essa pesquisa, teve as seguintes etapas: realização de entrevistas com alguns moradores antigos e instituições existentes no bairro, levantamento da história oral com o intuito de tentar situar o trabalho num contexto mais amplo da realidade local, visitação a alguns templos religiosos para a realização do primeiro contato, trabalho de gabinete; levantamento de literatura pertinente; delimitação da área de estudo; elaboração de questionários para aplicação; aquisição de um mapa da cidade do Salvador, levantado, desenhado e impresso pelo serviço geográfico do exército, no ano de 1942, com escala de 1:10.000; contato com a AMAC (Associação de moradores e amigos do Curuzu); aquisição de uma carta na escala de 1:2000.

A metodologia contou também com: visita a alguns pomares para confirmar a existência dos mesmos, realização de entrevistas qualitativas com moradores mais antigos do local, e, algumas autoridades religiosas.

As principais dificuldades encontradas para a realização dessas reflexões se encontram na definição dos limites geográficos e na existência de material escrito e

publicado sobre essa localidade, acreditando-se que as mesmas existam em razão da área ser habitada por população de origem pobre.

Durante as sessões de apresentação do Ser Negra no Instituto Federal Baiano em uma das sessões temáticas surgiram várias indagações e reflexões a começar “ser maioria da população na cidade de SSA, BA.

O quilombismo de Abdias do Nascimento, o pensamento civilizatório de Lélia Gonzalez, a africanidade, a sociedade brasileira foi corporeificada e educada pela mulher negra.

O território – corpo mexe com todos os sistemas, Territórios Negros. Pensar em um método diaspórico, dialético, é pensar na pluralidade, apresentada em um mosaico civilizatório.

Surgiram no Instituto Federal vários outros questionamentos como: como esse lugar reconhece na pessoa negra no Brasil, qual a dimensão de uma pessoa negra, as características de um território negro e outros.

Outras surgidas: até que ponto com a requalificação urbana a cultura afro capitaliza, qual o lugar do negro e todas essas indagações foram construídas no período oficial da Escravidão.

A primeira escala é a corporeidade, tendo como exemplo, o cheiro, o perfume, a identidade de gênero e de raça. Para alcançar o território negro é preciso discutir o corpo, raça e gênero.

Antes do desenvolvimento do restante do texto, é preciso caracterizar a nossa área de estudo como sendo possivelmente uma área remanescente de quilombo com a existência de forte concentração populacional de origem africana.

A presença significativa de terreiros de Candomblé é uma importante característica desse lugar, como também a catequização católica com a presença de igrejas e, inclusive, relatos, da existência de um túnel subterrâneo construído pelos jesuítas e de fontes de água.

Publicado no NOTES FROM ACADEMY BRAZIL, uma reportagem (matéria) de Carolyn J Moonkey intitulada “An Anarchical Project Aims to change de reputation of a Brazilian University” na data de 27 de Fevereiro de 1998 da The Chronicle of Flighter Education.

Esse território da cidade desenvolveu experiências tão marcantes em um projeto anárquico que visou mudar a reputação de uma universidade brasileira. O texto jornalístico demonstrou o nível de protagonismo dos moradores do Curuzu que estavam sendo estudadas com destaque para o Ilê Ayiê e AMAC.

Essa matéria irá historiar a passagem do Projeto UFBA em Campo “Conhecer Salvador” da Universidade Federal da Bahia, tratou-se, ele, de uma experiência com professores de diferentes áreas científicas e colegiados e departamentos e alunos de vários cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia, na época.

Revelando que havia uma demanda crescente dos problemas nas temáticas escolhidas e implementadas pela Academia e os motivos que justificavam a adoção e execução.

**Figura 1** – matéria publicada na NOTAS DA ACADEMIA BRASIL sob o título “Projeto anárquico visa mudar a reputação de uma universidade brasileira” em 27 de Fevereiro de 1998.



*Fonte:* Acervo do autor.



A tradição africana está presente no Brasil desde o seu “descobrimento” com a vinda de africanos escravizados desde o século XVI. Esses grupos humanos traziam a cultura africana que foi preservada nos Terreiros de Candomblé da Bahia.

Elementos estruturantes da vida na África foram muito importantes, inclusive, para a sobrevivência física de muitos negros, sendo que, no Terreiro de Candomblé, foi a nossa primeira forma de diáspora, depois do Navio Negroiro.

Sem deixar de reconhecer a Senzala como agrupamento da Casa Grande e o Quilombo, mas, o Terreiro de Candomblé, na Bahia, é o espaço e, ao mesmo tempo, o Território que foi capaz de preservar e conservar a tradição africana.

A partir do Candomblé foi nascendo diversas experiências em Salvador como os blocos afros, afoxés, escolas de samba e mais contemporaneamente, o hip hop, pode-se pensar na contribuição da Umbanda nesse processo e de alguns artistas populares que ajudaram a desmistificar o racismo junto as grandes camadas populacionais.

Os pontos trabalhados neste artigo são os seguintes: a relação do crescimento urbano de Salvador e a sua relação com a rua do curuzu. , a organização socio espacial (características territoriais) , perfil histórico – espacial, as festas, o ilê aiyê impõe sua marca ao lugar ,7 as lutas, o seu processamento!, 8 a importância dos terreiros de candomblé, o processo de requalificação urbana (o projeto de requalificação), considerações finais e as referências bibliográficas.

### **A RELAÇÃO DO CRESCIMENTO URBANO DE SALVADOR E A SUA RELAÇÃO COM A RUA DO CURUZU**

A cidade do Salvador no fim do século XVI estava compreendida entre o Pelourinho (ao N), a atual Praça Castro Alves (Sul), a baixada entre a primeira e segunda linha de cumeadas (a Leste, atual Baixa dos Sapateiros); a W, o mar.

Continuou passando por diversas transformações, inclusive a implantação das primeiras linhas de transporte coletivo (1868) que abrangia os bairros da Calçada, Retiro e Barroquinha. Em 1904, surgem os primeiros bondes elétricos e em 1940, o ônibus.

A capital da Bahia já começava a viver o ritmo quente do capitalismo que impunha transformações mais profundas na sua estrutura urbana.



A transformação profunda da vida da cidade tem início com a nova industrialização, através dos pólos industriais sediados em Aratu e Camaçari, a partir da década de sessenta. A presença de uma economia tipicamente capitalista gerou a reformulação da composição das camadas dirigentes, alterando, por conseqüente, a tradicional estratificação social e econômica da cidade. Processa-se a transformação do traçado urbanístico, com significativa expansão da cidade, além dos fenômenos atinentes à renovação tecnológica. (BACELAR.1988, pág.74).

A partir de 1968, Salvador começa a sofrer modificações mais drásticas com a construção de Avenidas de Vale, expansão da cidade para o seu interior e redefinição do uso do solo do município, a implantação das primeiras fábricas do Pólo Petroquímico de Camaçari e de novos equipamentos urbanos.

Essas modificações aconteceram num período de ditadura no país, e quando a única religião oficial era o Catolicismo, sendo que o culto do candomblé só acontecia através da autorização da polícia federal.

A própria dinâmica que envolve o processo de crescimento urbano vai impor a predominância de valores ligados às classes que detêm o poder econômico em determinada cidade, fazendo com que o restante da população viva a mercê da vontade do dominante.

Era isso que acontecia com Salvador naquele momento. Mais do que nunca o povo pobre não tinha escolha, a não ser ocupar os espaços que restavam; foi isso que aconteceu com a população residente.

Os mesmos começaram a se alojar em áreas longínquas do centro da cidade, fazendo das encostas de risco uma forma de habitação natural, perdendo articulação política e acesso aos serviços mais básicos.

Além da problemática social, questões ligadas a saúde ambiental do território metropolitano começam a aparecer como: a escassez de áreas verdes que são locais de lazer para a população, a exemplo do Parque da Cidade Joventino Silva e São Bartolomeu. Neste aspecto a religião africana tem sido um grande referencial por manter uma relação de harmonia com os elementos da Natureza.

As sociedades capitalistas modernas e contemporâneas trazem um marco no contexto da cidade e do urbano, que afeta a todos os que vivem e (re) produzem o espaço social: a questão da segregação (OLIVEIRA, 2013, p. 44).



O Curuzu é um reflexo do sistema urbano-industrial que projetou todo modelo de organização atual do espaço geográfico, em uma cidade do continente latino-americano que tem características de colonização de exploração e estando na região Nordeste do Brasil, com uma área marcada pela pobreza.

### **A ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL (CARACTERÍSTICAS TERRITORIAIS)**

A rua do Curuzu está localizada na A.R 4 (Administração regional da cidade) instituído pela Fundação Mário Leal Ferreira. Possui cerca de 13.476 habitantes segundo o censo de 1991 do FIBGE (Fundação Instituto brasileiro de Geografia e estatística), a atual projeção estatística da população é de 16.681 pessoas. Faz fronteira com os bairros da Liberdade (N), San Martin (S), rua São Cristóvão (E) e Pero Vaz (W).

O Curuzu localiza-se no Subdistrito de Santo Antônio e está dividido em doze setores contando com um total de 13.476 habitantes segundo o censo realizado em 1991 pela FIBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Por ser uma zona peri – urbana com a presença de vegetação abundante, o lugar possuía uma cultura intensa com a organização de festas juninas, natalinas e o carnaval.

A comunidade se organizava em forma de auto-gestão, os agentes jurídicos eram transferidos para a resolução em conjunto, se configurando como um remanescente de Quilombo.

Por volta de 1948, o bairro sofria a primeira intervenção urbana com o sistema de águas e esgoto implantado pela Embasa (Empresa de Águas e Esgoto do Estado da Bahia) como também a instalação da lavanderia e Posto médico. O Curuzu foi uma das primeiras ruas populares a sofrer intervenção urbana na cidade do Salvador.

A partir desse advento, a cidade começou a acelerar o seu crescimento, expandindo a sua malha urbana através da abertura de avenidas de vale, implantação de grandes projetos habitacionais e tentativas de melhoria do sistema de transportes coletivos, ou seja, a cidade aumentava em direção da periferia.

Com esse movimento de expansão todos os bairros localizados em sua periferia sofreram modificações na estrutura urbano–espacial com o grande número de obras existentes na cidade. Conseqüentemente vai atrair a população da área rural para a





urbana, causando o êxodo rural que é intencionado pelas possibilidades de emprego que Salvador e toda a sua região metropolitana oferecia.

Ampliou-se o número de residências e o bairro ganhou nova configuração. O antigo traçado em torno de roças e a integração social existente entre os antigos moradores deu lugar a escolas, posto médico, asfaltamento, transporte coletivo e comércio. Sendo que a Lavanderia localizada num lugar que hoje é o largo de ônibus e intitulada por Júlia Kubitschek, mãe do ex presidente Juscelino Kubitschek, juntamente com o posto de saúde surgem em 1958. É um dos primeiros equipamentos urbanos a ser instalado e posteriormente a fundação de algumas escolas e clínicas médicas.

O conceito de Territórios de Maioria Afrodescendente foi elaborado para definir a natureza da população afrodescendente. São espaços urbanos em que encontramos outros grupos sociais de origens históricas e culturais diversas, mas encontra-se a população afrodescendente como maioria, sendo esta a que determina a dinâmica cultural e social desses territórios o espaço geográfico se revelou como base de processos da cultura, das identidades e das relações sociais das populações (JÚNIOR, 2007, p. 71; 2019).

A rua do Curuzu possui essas características ligadas ao seu processo histórico que identifica esta área com o passado do continente africano, assim como a preservação destas tradições por meio do desenvolvimento de conhecimentos e de práticas culturais.

O seu espaço geográfico foi forjado sob as tradições de matriz africana e afro-brasileira, essa cultura se formou e se expandiu ao fazer parte de processo do cotidiano de alguns territórios.

### PERFIL HISTÓRICO – ESPACIAL

Na primeira metade do Século XX, a região que compreendia o bairro do Curuzu apresentava uma vasta vegetação entre as poucas casas existentes, caracterizando-se por uma zona peri – urbana constituídas de várias “roças” com árvores frutíferas e outras plantações, as quais ocupavam a maior parte do bairro; como a **roça do “sr. bigodeiro”**, situada na Baixa dos Frades, e a **roça do senhor “Zé Quatro”** que possuía um destaque especial na região, por ser um dos organizadores das festas juninas.



A origem do nome do bairro é indefinida, sendo que alguns moradores afirmam ser de origem iorubá, significando crianças pagãs ou bolo fecal; outra explicação dada por habitantes da área a respeito do nome é que no período da Independência da Bahia existia um índio chamado “curuzu” que muito se destacou nas batalhas por sua resistência e luta. Outro nome que anteriormente foi atribuído a esta comunidade era o de “**Vista do Bonfim**”, recebeu este nome porque dali se avistava a igreja do Bonfim, grande referência no Sincretismo Religioso, tanto no que se refere a caminhada dos romeiros em sua direção, quanto ao afoxé de rua, no qual se misturavam num espaço de folia e fé.

Segundo relatos de moradores antigos, o lugar era habitado em sua maioria por descendentes de africanos que organizavam seu espaço em auto-gestão, ou seja, não havia transferência dos problemas médicos, jurídicos, religiosos e educacionais para as respectivas instituições formais. A comunidade se responsabilizava pelo que acontecesse com os seus membros. A existência de um número expressivo de africanos nos leva a crer que esta localidade passou por um processo de transposição dos modelos africanos em conjunto com o modo imposto de pensar da sociedade vigente da época que era o eurocêntrico.

Isto se dá através da presença de elementos que foram construídos na localidade durante a formação do seu perfil histórico – espacial, onde pode-se citar; A presença das religiosidades cristã, africana e indígena criando uma comunicação cultural mais intensa entre as etnias nas manifestações presentes no bairro.

Estes fatores configuraram caracterizações distintas ao longo da Estrada da Liberdade ou Avenida Lima e Silva, nome atual, definidas pelo Largo da Lapinha e as entradas para o Curuzu, Pero Vaz, Duque de Caxias, Guarani, São Cristóvão e Largo do Tanque. Do ponto de vista da forma urbana e das tipologias arquitetônicas, a autoconstrução predomina na paisagem local (Foto 1) (RAMOS, 2007, p. 193).

O Curuzu é uma área definida como de autoconstrução que predomina na paisagem local do ponto de vista da forma urbana e das tipologias arquitetônicas, a relação que a rua tem na Liberdade efetiva vários caminhos e fronteiras que vão pelo Pero Vaz, Duque de Caxias, Guarani, São Cristóvão e Lago do Tanque.

### AS FESTAS



Dentre as festividades que possuíam as características citadas acima têm-se; as procissões de Santo Antônio, o São João, o Carnaval, a Lavagem da Fonte da Baixa dos Frades e o Natal. Na comemoração do Natal era comum se organizar procissões, ofertórios e Encenações públicas que envolviam as divindades da Igreja Católica.

Existiam dois tipos de Baile: O Pastorinho que envolvia as crianças e o Pastoril, os adultos, todos envolvidos na interpretação do nascimento de Cristo esses Bailes aconteciam na localidade do Campinho, hoje chamado de rua nova do Curuzu.

A festa de São João começava no mês de maio, intitulado mês de Maria, e as pessoas se reuniam na casa do finado Lebeté, se festejando o primeiro de junho com as festividades religiosas de Santo Antônio, estendendo-se de dois a três de julho começando com a Independência da Bahia, até o dia seguinte.

A festa junina era organizada por um grande número de moradores na forma de um arraial que tinha o **sr. Zé Quatro** como principal colaborador e que num grande mutirão que envolvia as crianças, os adultos e os idosos da comunidade limpavam todo o bairro para o desfile de quadrilhas e blocos que animavam as comemorações juninas.

O carnaval da localidade era animado por blocos chamados cordões que tinham a estrutura parecida com a de uma escola de samba. Existiam cordões com tradição local como: O Galo de dona Maria Paula, onde as pessoas saíam de azul e branco; o Boi Bandeira que saía com um folião vestido de boi e o bloco da Vovó que era formado preferencialmente por adeptos do candomblé, segundo as entrevistas.

### **O ILÊ AIYÊ IMPÕE SUA MARCA AO LUGAR**

O Ilê Aiyê é um Bloco afro que nasce nos anos 1970 no intuito de organizar o carnaval dos negros desta cidade, porque era proibido o afro-descendente brincar no carnaval da Bahia e só uma instituição carnavalesca voltada para este segmento conseguiria “inserir” o negro no carnaval.

O surgimento do bloco afro está ligado a criação do grupo cultural “Zorra” que tinha por objetivo a valorização do negro e a afirmação da sua identidade. O nascimento desse grupo no Curuzu vai começar a imprimir uma marca muito especial ao lugar,



porque vai continuar sua mensagem através do bloco Afro e estendê-la nos seus projetos sociais.

Hoje, com 46 anos de existência o Bloco desenvolve algumas atividades no bairro como: Escola Mãe Hilda e o Projeto de educação pedagógica com os professores das escolas públicas da Liberdade.

O Ilê Aiyê conseguiu imbricar-se de tal maneira com o Curuzu que se falar em Ilê é falar do Curuzu. Quando se consegue ampliar a escala da cidade do Salvador mostrando as desigualdades sociais existentes nesta rua e que não são vistas pelo turista.

Dentre as várias formas de manifestação de poder local o bloco Afro Ilê Aiyé, nascido em novembro de 1974, constitui-se numa referência importante para os moradores do lugar, no que tange a sua representatividade, alcançando expressividade, também, fora do estado e do país.

No entanto, no que diz respeito à participação das lutas da comunidade, existe um processo de fragilização, que pode ser identificado numa atuação inoperante, segundo alguns relatos. No que tange às camadas menos favorecidas do bairro, isso ocasiona um afrouxamento dos laços sociais, impulsionando a criação de entidades mais eficazes a solução dos problemas que afligem a comunidade tais como; o da água e do lixo que se tornaram muito emergentes.

Os laços de dependência da população local em relação a uma Entidade que no primeiro momento se propunha a ser carnavalesca, deve-se ao fato que esta entidade representava também, a recuperação de valores perdidos do povo africano.

O Ilê Aiyê projetou várias lideranças femininas intelectuais que contribuem para a desmistificação do racismo e propõem políticas públicas que incluam o afro-descendente e afro-brasileiro no desenvolvimento tendo algumas lideranças como exemplo que mostraremos abaixo.

O primeiro exemplo é o de Mãe Hilda, porque como ialorixá “mãe de santo” de um Terreiro de Candomblé que é a referência de uma comunidade por meio de sua atuação religiosa no Ilê Axé Jutolu.

O seu Templo Religioso foi o mantenedor do nascimento do Bloco Afro Ilê Aiyê em que funciona a escola de ensino fundamental “Mãe Hilda” para as crianças em que assume uma pedagogia de pluralidade em que considera os valores civilizatórios e cívicos das nações africanas e outras Espacialidades e Territorialidades Afro-Brasileiras.



Um desses exemplos é a organização da noite da Beleza Negra do Ilê Ayiê que seleciona um conjunto de mulheres negras na valiosa missão de ser escolhida como “Deusa do Ébano” valora positivamente a estética de matriz africana como referência positiva.

Um movimento que pretende reparar todas as mazelas criadas pelo advento da Escravidão Comercial e tendo também o advento da Conferência de Berlim em que dividiu as riquezas do continente africano.

A atuação da secretária estadual de Cultura da Bahia em que como sendo a primeira secretária municipal de reparação no governo de Antônio Imbassahy inaugura uma política de Estado capaz de propor políticas públicas para o segmento da população negra de Salvador.

As atuações profissionais e intelectuais defendidas como a discriminação do negro no livro didático em que fez a escola refletir sobre o seu racismo institucional e de toda a sociedade com expressão na UNEB e na UFBA.

Todas essas, entre elas, Valdéria Lopes, Paulo Cambui, Bira, temos algumas pontuais como Doté Amilton com o movimento de questionamento institucional da União Fabril em que mobilizou várias localidades.

Afirmar a atuação de Roberto Rodrigues como diretor do Ilê e de Francisco (Chiquinho dos Filhos de Gandhi), esse último residente da rua direta, e agora, Vovô, Carlos Alberto dos Santos Vovô, um líder negro fundador do Bloco Afro Ilê Ayiê, traz valores pan-africanistas para a sociedade brasileira com influências do movimento dos Panteras Negras nos EUA e também do movimento de libertação africana onde a África do Sul teve Nelson Mandela como presidente que derrotou o Apartheid.

O interessante é que todas essas demandas, essas externalidades surgem com a implantação do Capitalismo em que para isso cria a política da mais valia que causa o desemprego em massa e precárias a mão de obra essa condição é vista no seu poder de renda, mas, não é suficientemente capaz de vencer outros obstáculos em que somente demandas do Estado como a saúde, a educação e outros setores estratégicos são capazes de implementar.

É essa demanda excluída que se encontra nas periferias e é a que é atendida pelo Ilê Aiyê e que representa uma das formas de estratificação social que demonstra que o índice de desenvolvimento, o idh, em algumas localidades está baixo do recomendável.



Uma questão importante é que para o Mundo Ocidental um presidente de Bloco Afro não tem valor, onde não há curso universitário que contemple esta atuação. Essa ocupação.

Essa é uma das discussões trazidas por essa agremiação carnavalesca, mas que, traz em seu bojo esse compromisso, a defesa das populações negras, que também foram vítimas de impactos desastrosas das últimas duas guerras mundiais, a de 1914 e a de 1945.

### **AS LUTAS, O SEU PROCESSAMENTO!**

A organização político comunitária da população se caracteriza pela sua auto-sustentação, a partir do momento que os poderes públicos(municipal, estadual e federal) não a consideram como prioridade, ou seja, a sua contribuição cultural e política é negada quando os investimentos públicos não se fazem presentes através da criminalidade crescente, ausência de professores nas escolas locais e falta de assistência adequada ao que diz respeito à saúde, planejamento ambiental, economia e direitos sociais.

É nesta situação que a dona de casa, o pai de família, as autoridades religiosas, as lideranças comunitárias e o conjunto de moradores da localidade precisam atuar como uma espécie de poder paralelo, saneando suas necessidades através de trabalhos cooperativos que se apresentam pela construção coletiva de algumas escadarias, jardins e outros equipamentos de serventia coletiva.

A partir daí surge um movimento, por volta de 1989, organizado por alguns moradores, que tinha como finalidade a mobilização da comunidade para o não pagamento dos recibos de água e a regularização da coleta de lixo urbano.

A Empresa baiana de águas e esgoto – Embasa, não cumpria com o fornecimento regular de água. Não existia fornecimento por volta de cinco meses e a irregularidade da vinda do caminhão da Limpurb, Empresa de limpeza urbana da cidade do Salvador, que realizava a coleta do lixo produzido pela comunidade era intensa.

O movimento é marcado por passeatas e muitas reuniões que terminou sendo a primeira tentativa de organização de uma Associação de moradores que representasse a população local e lutasse por seus objetivos comuns.



A vontade de criar uma Entidade responsável pelo encaminhamento das reivindicações da comunidade aumentou ao momento que o lugar foi vinculado na rede Manchete de televisão, no ano de 1989, como favela da Liberdade.

Em 1990 a comunidade se organiza em torno da AMAC (Associação de Moradores e Amigos do Curuzu), realizando o seu primeiro trabalho como entidade representativa em 1991 com a campanha de construção de jardins nos locais onde se depositava o lixo, já que esses pontos de sujeira representavam perigo a todos, por estarem localizados a frente de uma escola e ao lado de um posto médico.

Contando com o apoio da Limpurb foram construídos dois jardins que existem até hoje, nos locais acima citados, mas, para isso, houve mobilização de uma grande parte dos moradores, principalmente os do Curuzu de Baixo.

No Curuzu existe uma divisão de poderes baseada na diferenciação do nível econômico da população residente. Pessoas que residem no Curuzu de cima discriminam as do de Baixo, pela presença de boas casas, comércio intenso, único supermercado central do bairro, além de vários carros estacionados nas garagens dessas casas, comprovando um melhor padrão de vida dos residentes do Curuzu de cima.

No lado denominado Curuzu de Baixo, abrangendo o Largo do Curuzu, Baixa dos Frades, a sede do Ilê, outras ruelas próximas a esses locais e a própria AMAC, reside a parcela da população desprovida de recursos.

É considerando essa particularidade que surge um importante capítulo da vida política do bairro, momento em que a tecelagem União Fabril obrigou os moradores que residiam há mais de vinte anos na localidade a pagarem a taxa de fôro.

Com isso surge um elemento de aglutinação que é o Templo da Religiosidade Afro – Brasileira intitulado Vodun Zô, que começou a promover palestras e investidas junto aos moradores com o intuito de pressionar os poderes públicos.

A questão urbana é a questão econômica e social. É a questão política. Seja por inúmeras razões, é preciso pelo menos considerar que a cidade é também uma máquina de produzir (SOUZA, 1988, pág.67).

O produzir está relacionado com a atuação das próprias entidades presentes no bairro, fazendo que os dois “Curuzus” com características extremamente diferentes pela



própria condição socioeconômica das populações, contribuindo de forma singular para a aproximação desses segmentos e fortalecendo a organização espacial do lugar.

As lutas sociais que tinham como meta o direito de morar envolveram entidades como: os blocos Oriobá e Alabê, MNU (Movimento Negro Unificado), AMAC, Capela São José, Templos da Religiosidade Afro – Brasileira Ilé Axé Jitolu e Vodun Zô e o próprio conjunto de moradores do bairro.

Hoje, a situação das entidades representativas é de um certo distanciamento da população, em ocasião da própria crise que vive o movimento popular. No entanto, ainda estão presentes, resistindo às investidas do seu desaparecimento.

### A IMPORTÂNCIA DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Nas festividades carnavalescas se destacava o bloco da vovó, os seus foliões eram ialorixás, babalorixás e filhos de santo com idade avançada no culto. O local tem uma grande concentração de descendentes de africanos (que manifestavam sua tradição religiosa através do Candomblé), sendo a rua dos Frades o local preferido para se “arrear” os “despachos” da religião afro-brasileira.

A cidade cresceu e se modernizou tendo na sua estrutura étnica a presença massiva de afro-brasileiros. Essa parcela da população trouxe grandes contribuições culturais para a formação do povo brasileiro, uma delas é a sua religiosidade, conhecida por candomblé.

O Candomblé é um importante colaborador para as criações culturais do povo negro em todo o Brasil por ser uma religião formada no território brasileiro, especificamente o nordestino, que sedia a maior parcela demográfica afro-brasileira do país.

Essas tradições religiosas vêm a cada dia perdendo representações pelo aumento da especulação imobiliária e, naturalmente com ela, o crescimento exacerbado das cidades, provocando um grande adensamento populacional em bairros populares, grande centro da habitação da classe trabalhadora.

O crescimento desenfreado da cidade vem provocando o desaparecimento das áreas verdes no bairro do Curuzu. Para a comunidade dos terreiros uma das maneiras de obter essas ervas são as feiras livres e alguns lugares de





preservação, como parques e APAS (áreas de proteção ambiental) (CORREIA e SERPA, 2001, p.263).

Esse crescimento dos centros urbanos tem causado a diminuição de uma das maiores representações sagradas desta religião as “áreas verdes”, nessas áreas habitam as folhas sagradas e medicinais que curam as doenças do espírito e da carne.

Essa diminuição vem sendo constatada com a inexistência de lugares destinados ao plantio de folhas em forma de hortas medicinais ou sagradas em terreiros e sessões de giro localizados no bairro do Curuzu.

No Curuzu (objeto de análise desse capítulo), o trabalho foi elaborado através de entrevistas com ialorixás, babalorixás, filhos-desanto e moradores antigos do bairro, num total de quarenta entrevistas, realizadas em 27 templos da religiosidade afro-brasileira (CORREIA e SERPA, 2001, p. 261).

De 27 terreiros e sessões de giro entrevistados podemos identificar somente doze templos desta Religiosidade que cultivam folhas medicinais, e mesmo assim, a sua maioria em cacos.

Essas casas sagradas além de contribuírem para a manutenção da saúde da cidade quando preservam “áreas verdes”, ainda auxiliam na diminuição do índice de violência ao promoverem integração social quando utilizam seus espaços sagrados para sediarem cursos de capoeira e até escolas profissionalizantes, que é o caso dos terreiros Ilé Axé Jitolu e Vodun Zô.

Dentre os templos pesquisados no Curuzu, apenas 11 possuem áreas verdes. Estas folhas são utilizadas para curar enfermidades e outras doenças como dores de cabeça e de coluna, cólicas, diarréias, sendo muito usadas também como calmante. A utilização desses vegetais é feita através da preparação de infusos, chás, garrafadas e através da aplicação direta da folha no ferimento. (CORREIA e SERPA, 2001, p. 267).

As discussões que estão sendo travadas acerca de desenvolvimento sustentável nas cidades envolvem toda a sociedade civil, com o objetivo de encontrar soluções para problemas que vêm retirando o prazer de viver das pessoas, nos grandes aglomerados urbanos.

Por sediar a maior população negra do mundo fora da África, representa um grande foco de relações inter – étnicas que envolvem negros, brancos, índios e



miscigenados; essas interfaces parecem estar passando por um momento de grande fragilização.

Isto torna mais evidente o desrespeito que vêm sendo submetidas as casas do culto afro – descendente. Com exceção de algumas que recebem benefícios por estarem em bairros de melhor localização, em contrapartida atuam como palco de promoções para pessoas interessadas em explorar o seu potencial.

Essas casas sagradas além de contribuírem para a manutenção da saúde da cidade quando preservam “áreas verdes”, auxiliam também na diminuição do índice de violência, ao promoverem integração social utilizando seus espaços sagrados para sediarem cursos de capoeira e profissionalizante.

A construção do patrimônio florístico e paisagístico da cidade contou, portanto, com uma grande contribuição dos terreiros. No entanto, esses templos atualmente passam por um intenso processo de descaracterização. Isto se reflete na diminuição da quantidade de plantas nas áreas dos templos, influenciando, assim, as condições ambientais do bairro do Curuzu (CORREIA e SERPA, 2001, p. 269).

Quando nos referimos a colaboração do candomblé na saúde da cidade citamos a qualidade do ar, a estética e o próprio fornecimento de remédios caseiros que o plantio dessas folhas proporciona à população de baixa renda.

Essas vantagens poderiam ser condicionantes para a afirmação de uma Religião que tem mostrado que pode oferecer ganhos sociais para a vida urbana, principalmente em momentos de crise, quando os cidadãos se sentem impotentes por não conseguirem emprego, mas podem se sentir úteis ao participar de atividades organizadas pelos terreiros.

Parece que a pólis ainda não percebeu isso já que os Templos desta Religiosidade vêm sofrendo um processo de extrema descaracterização. Afirma-se isto pelo fato de passarmos despercebidos à frente de Templos da Religiosidade Afro – Brasileira e não percebê-los como lugares sagrados.

É preciso que o Terreiro seja considerado como agente social de importância para a manutenção da vida de um povo que passa por carências cada vez mais crônicas, por esta religião à cultura do país não seja ignorada e que ela receba apoios



institucionais concretos, que subsidiem o seu status de religião e que a inclua de uma vez na religiosidade brasileira oficial.

A preservação ambiental causada pelo Terreiro de Candomblé dentro da ilha de cimento, porque as áreas verdes na rua direta são raras e escassas, somente no Posto de Saúde e nas áreas mais públicas, como ruas, somente a área do Campinho que possuía algumas árvores.

Os Terreiros de Candomblé representam áreas que ainda preservam tipos vegetais, áreas verdes, tendo árvores, sendo considerado um cercado de preservação e conservação em tempos de devastação.

### **O PROCESSO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA (O PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO)**

A obra de requalificação urbana na rua do Curuzu no bairro da Liberdade teve a ordem de serviço assinada no dia 06 de agosto de 2019 com previsão de 09 meses de duração com um investimento de 6,8 milhões de reais.

O projeto foi elaborado pela Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF) e pela Sotero Arquitetos com o comando da empresa Construtora Baiana de Saneamento (CBS) com o acompanhamento realizado pela Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras Públicas (Seinfra).

A prefeitura de Salvador divulga que o objetivo da obra é de promover melhorias urbanísticas e de mobilidade onde está prevista nova pavimentação em piso intertravado nas cores amarelo e vermelho, segundo a Prefeitura, essas cores estão ligadas a cultura local e a fantasia do bloco Ilê Aiyê.

O planejamento da obra segundo o projeto prevê instalação de marcos de acesso à rua com identificação a localidade, sendo um na avenida General San Martin e outro na avenida Lima e Silva, na Liberdade.

Há uma previsão da construção de parque infantil, espaços de convivência, como também de um novo paisagismo, além disso, há uma possibilidade de implantação de novos elementos no mobiliário urbano como: lixeiras, floreiras, conjunto de mesas e bancos e área para jogos de tabuleiro.



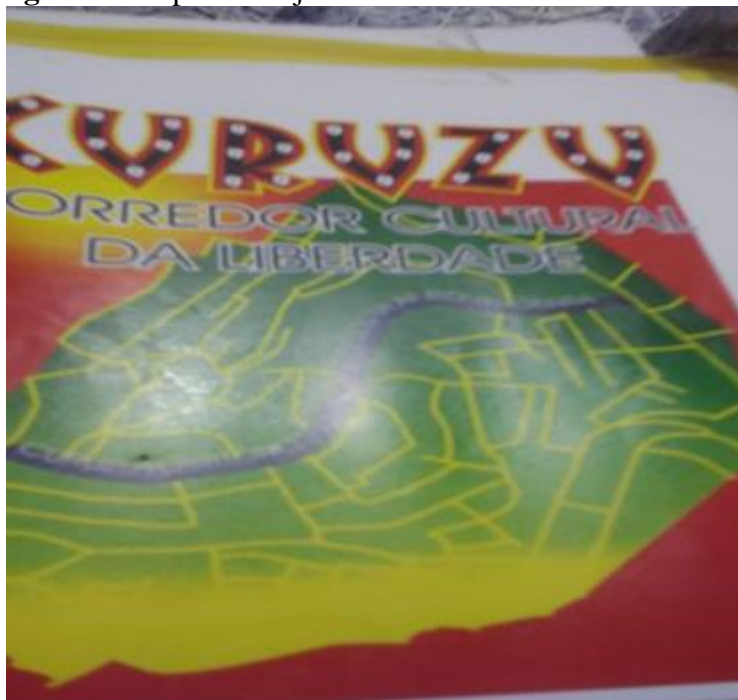
Essa obra prevê outras modificações como a fiação das empresas de telecomunicação e parte da rede de energia da Coelba que passarão a ser subterrâneas e a iluminação que passará a ser de LED e a elevação das faixas de pedestres, além da requalificação da escadaria da ladeira e o ordenamento do estacionamento.

Haverá a instalação de um busto em homenagem a Apolônio de Jesus nas imediações da Unidade de Emergência Mãe Hilda. Apolônio foi um dos fundadores do bloco afro Ilê Aiyê e de outras agremiações afro, como também dono de um bar e promotor de excursões turísticas.

Os moradores da rua por meio das representações de suas entidades e associações foram consultados por meio de cinco reuniões com os planejadores da Prefeitura que sugeriram a construção do busto que homenageia o líder afro-brasileiro Apolônio de Jesus.

Uma das políticas públicas nascidas no Curuzu é a do corredor Cultural, o Corredor cultural do Curuzu, uma das ideias defendidas pela professora Eny Kleyde Vasconcelos Farias, coordenadora da pós-graduação das Faculdades Integradas Olga Mettig durante vários anos e na mesma instituição houve quatro turmas de pós-graduação, uma Especialização *Latu Sensu* em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros.

**Figura 2** – capa do Projeto Corredor do Cultural do Curuzu



*Fonte:* Acervo do autor.



Essa Especialização teve como uma das suas metodologias oficinas pedagógicas nas instalações da escola pública estadual Celina Pinho com a participação dos alunos de pós-graduação e era, justamente, as instalações físicas do estabelecimento de ensino, eram todas no final de linha do Curuzu.

Dentro desses esforços de construção de uma parceria com a comunidade em 2007, a Olga Mettig, fortaleceu temáticas relacionadas ao turismo comunitário e também ao turismo étnico, sendo, inclusive, tema de dissertação de mestrado.

O Curuzu pode ser considerado uma contra-racionalidade (SANTOS, 1996), por ser um território que não se enquadra com a racionalidade dominante reprodutora das lógicas do capital especulativo e destruidor dos territórios-nação.

O que é elaborado, criado e reproduzido é vida e a possibilidade de inclusão e construção como em um quilombo em que se concentram os injustiçados, os fugitivos da Escravidão.

Esse lugar abriga esse tipo de gente que já nasce explorada e precisa se reinventar e recriar estratégias de sobrevivência, pois, o Sistema é frágil, mas age como uma fábula, seduzindo a todos em uma grande ilusão que acaba causando desilusão, mas a experiência dessa comunidade é um exemplo real de uma outra proposta espacial.

**Figura 3** – foto da obra de requalificação urbana do Curuzu realizada pela Prefeitura Municipal de Salvador, Novembro de 2019.



Fonte: Acervo do autor.

A imagem da figura 3 demonstra a colocação de pavimento especial com a presença de trabalhadores com carros de mão, pás, colher de pedreiro, máquinas motorizadas operadas por funcionários, ao redor, barracas desmontadas, apresentando uma modificação no tráfego, com a limitação da passagem de veículos de pessoas residentes no local.

A requalificação pode preparar um cenário que possa desenvolver aspectos culturais e artísticos desenvolvidos no interior da comunidade, fazendo com que vários talentos sejam revelados e possa reoxigenar o mercado fonográfico, musical e das artes.

A história desse lugar revela que a identidade é a principal estratégia de sobrevivência e de afirmação que teve e tem na solidariedade a sua principal marca de civilidade, ao ponto de conseguir reverter altos índices de violência e um grande índice de mortalidade entre os seus jovens.

O bloco afro Ilê não é o único protagonista, mas outros aparecem a exemplo do terreiro Vodun Zô, da Igreja São José, do Colégio São Jorge, do Grupação, do Oriobá, do Alabê, da Casa Maria Filipa, do M.N.U (Movimento Negro Unificado), do Vulcão da Liberdade e da AMAC (Associação de moradores e amigos do Curuzu), além de outras organizações que se cooperam entre si.



As origens africanas preservadas nos Terreiros de Candomblé revelaram ao mundo a capacidade de preservar a memória ancestral mantida no seio dos seus moradores, pois é identificado por interpretações tão marcantes de cantores e cantoras baianas e nacionais construiu um lugar no patrimônio nacional.

Quantos turistas vêm a Salvador no sábado de Carnaval para acompanharem o bloco afro que representou uma significativa parcela da população excluída desse lugar que desenvolveu experiências exitosas que fizeram o Curuzu ser conhecido Brasil afora nas vozes de Caetano Veloso, Daniela Mercury, Margareth Menezes, Gerônimo e outros.

O surgimento dessa localidade está relacionado a dinâmica urbana da cidade de Salvador colonizada pelo povo português que edificou a soterópolis como a reprodução de uma polis ocidental construída com muros com o objetivo de não permitir a invasão de pessoas não brancas.

Estes muros objetivavam a não mistura dos caucasoides com os tipos humanos como os índios e os negros. Com o tempo essas barreiras foram derrubadas com a sua ampliação e mudança das suas fronteiras.

Neste contexto sempre foi marcado por ser uma zona periférica com altíssimos índices de violência com destaque nas páginas policiais que reproduziam o racismo e desigualdade social que marca a nossa Metrópole até os dias atuais.

Essa condição negativa nos índices de uma violência estrutural nunca abateu essa população, pois sempre marcada por experiências de resistência desenvolveu uma criatividade gigantesca aos seus moradores por meio de experiências exitosas para se protegerem dessa alcunha negativa, sendo a antítese do projeto eugênico.

Em 2019 com esse projeto de requalificação urbana da Prefeitura Municipal de Salvador que se configura como um instrumento do PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano) que por sua vez é um avanço da lei Estatuto da Cidade com base nos artigos 182 e 183 da Constituição Federal.

Esse farol aceso por essa requalificação é a resposta da luta que no passado nossos ancestrais firmaram para a sobrevivência daqueles que foram escravizados e que nessa condição sustentaram o desenvolvimento de várias nações que subalternizaram o ser humano.



Esse passo importante na construção de uma cultura urbana de tolerância demonstra o papel de vanguarda dessa população em fazer história marcada pela inclusão em um contexto histórico marcado por disputas sangrentas das potências internacionais pelo mercado.

Agora cabe a geração atual e as futuras continuarem seguindo o exemplo dos seus antepassados na luta contra a exclusão que com exemplos práticos conseguiram vencer a tirania e construir um modelo positivo de vida para tantos que merecem a honra de sua replicação e sequência.

Essa requalificação como é um processo contínuo deve ser tratada de forma a garantir a participação de cada morador e moradora na efetivação de sua proposta e de sua inclusão para uma gestão urbana que emancipe as pessoas e promova cidadania e criatividade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões através das pesquisas desse trabalho que é importante observar que antes do grande crescimento da cidade em 1968, a rua tinha uma configuração espacial que consentia a solidariedade, porque a comunidade dependia dela mesma para a solução dos seus problemas hoje, a malha urbana da cidade aumentou, afetando as territorialidades do local, ou seja, fragilizando as relações sociais e a própria articulação conjunta de todos os movimentos existentes no Curuzu para uma melhoria efetiva das condições de vida locais.

A cidade de Salvador é conhecida nacionalmente por ter sediado a primeira capital do Brasil e também pelo grande número de índios que viviam nesta região na época do “descobrimento” do Brasil por ter recebido um grande número de africanos escravizados e seus descendentes.

As reflexões suscitadas no Ser Negra em 2019 no Instituto Federal da Bahia (IFBaiano) levantaram diversas polêmicas e agora é possível por meio de uma matéria de 1998 ter conhecimento sobre a presença da Universidade Federal em um bairro negro e popular demonstrar que as demandas em curso trazidas para a sociedade só estavam começando.

A relação do crescimento urbano da rua com a cidade de Salvador demonstra





que houve uma expansão da urbanização indo em direção da periferia, mas que continua reproduzindo padrões capitalistas e neoliberais de desenvolvimento.

Essa expansão é explicada pela capacidade de aglutinação e capilarização exercida por esse espaço geográfico com uma escala que vai da local, quando atrai bairros de diversas zonas de Salvador, as cidades da RMS e até de pessoas de outros países e continentes, atingindo a escala internacional. Essa aglutinação se processa no seio dos movimentos sociais, populares e culturais em movimentos no interior da dinâmica espacial e territorial.

Essa dinâmica tem um elemento de matriz africana e afro-brasileira como um dos vetores que justificam esse fenômeno por meio de diversas expressões artísticas e culturais, que dialogam com aspectos étnicos.

O destaque do processo se deve a atuação de algumas entidades como: o Bloco Afro Ilê Ayiê, a AMAC, o bloco Vulcão da Liberdade, o bloco Oriobá, o bloco Alabê, a Associação do Terreiro Vodun Zô e outras, que em atuação conjunta da visibilidade positiva que antes era vista somente como uma zona opaca.

Esse processo de requalificação urbana com a intervenção urbanística da Prefeitura Municipal de Salvador demonstra que existem pressões urbanas e públicas que consideram a importância dessa valorização urbana da área foi considerada possível.

Esse processo de requalificação será capaz de operacionalizar um processo de dar ao negro um lugar de proteção nesta sociedade capitalista se levar em consideração todas as variáveis que caracterizam o padrão de vida dessa população ou será mais uma etapa ou somente, chegar à conclusão que os limites são muitos.

Como uma contra-racionalidade é necessário inovar frente aos desafios e pressões advindos de um mundo que se projetou na exclusão e que nessa experiência possa dar alguma resposta ou contribuição para o enfrentamento dos problemas contemporâneos e institucionais que excluem diversos jovens negros do processo de desenvolvimento na Metrópole Soteropolitana, se exclui, até hoje, esse processo é uma luta constante histórica desse Território e se precisa avançar mais nessa direção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BACELAR, Jeferson. *Etnicidade (Ser negro em Salvador)* editora Penba Ianamá, 1989.

BANDEIRA, Fábio Pedro. *Ordenamento e gestão das áreas verdes e espaços públicos de Salvador*. Coletânea, Planejamento ambiental para Salvador. Secretaria Municipal do Meio Ambiente –PMS, 1995.

CARVALHO, Ana Dias da Silva. *O crescimento recente da cidade do Salvador*. Anais da Associação dos geógrafos brasileiros, volume X, 1958.

CORREIA, Sandro dos Santos Correia; SERPA, Angelo. *Influência do processo de expansão urbana na perda de áreas verdes e no uso de plantas medicinais nos terreiros do Curuzu, Salvador*. In: Fala periferia: uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Angelo Serpa, organizador. Salvador: UFBA, 2001.

JÚNIOR, Henrique Cunha; RAMOS, Maria Estela Rocha (orgs). *Espaço Urbano e Afrodescendência: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas*. Fortaleza, Edições UFC, 2007.

JÚNIOR, Henrique Cunha. *Bairros Negros: a forma urbana das populações Negras no Brasil*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 11, N. Edição Especial, p. 65-86, maio 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/683>>. Acesso em: 17 set. 2020.

MOONKEY, Carolyn J. *An Anarchical Project Aims to change of reputation of a Brazilian University*. In the chronicle of Fliqter Educaton. NOTES FROM ACADEMY BRAZIL, 27 de Fevereiro de 1998.

OLIVEIRA, Reinaldo José de (org.). *A cidade e o negro no Brasil – Cidadania e Território*. São Paulo, Alameda, 2013.

PASSOS, Walter. *Bahia: Terra de Quilombos*, SSA/BA 1996, primeira edição.

Relatório elaborado por uma equipe de estudantes da UFBA durante o Projeto Conhecer Salvador – Programa UFBA em Campo ligado a Pró – Reitoria de Extensão e orientada pelos Professores Ieda Helena Hurst (Faculdade de Enfermagem) e Hélio Brito (Faculdade de Psicologia – FFCH), Setembro de 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 1996.

SOUZA, Maria Adélia de. *Governo Urbano*. Nobel, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás, Deuses iorubás na África e no novo mundo*. Editora Corrupio, 1992.

### SITES

<https://www.google.com/search?q=qual+a+popula%C3%A7%C3%A3o+tual+da+rua+do+Curuzu+em+Salvador%2C+BA%3F&oq=qual+a+popula%C3%A7%C3%A3o+tual+da+rua+do+Curuzu+em+Salvador%2C+BA%3F&aqs=chrome..69i57j33l3.19352j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Consulta em 31 de março de 2020.



<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/prefeitura-inicia-obra-de-requalificacao-do-curuzu-nesta-terca-feira-06/> Consulta em 31 de março de 2020.

<https://bahia.ba/salvador/com-40-das-obras-concluidas-curuzu-tera-recesso-de-tratores-durante-fofia/> consulta em 31 de março de 2020.

*Recebido em: 22/09/2020*

*Aceito em: 30/10/2020*